

Análise econômica da cadeia produtiva da recuperação da vegetação nativa e estratégia de financiamento em escala de paisagem

Projetos executivos de curto prazo para a promoção da cadeia de recuperação da vegetação nativa em três mosaicos da Mata Atlântica

São Paulo, 14 de dezembro de 2020

Sumário

1. Introdução.....	3
2. Projetos executivos de curto prazo.....	6
2.1. Região MCF	6
2.2. Região MAPES.....	16
2.3. Região LAGAMAR	24
3. Resumo das reuniões realizadas com atores estratégicos.....	32

1. Introdução

O Projeto “Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica”, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente em parceria com a Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável, promoveu ações para fortalecimento da cadeia da recuperação da vegetação nativa em escala em três regiões de mosaicos de Unidades de Conservação na Mata Atlântica (extremo sul da Bahia, região central fluminense e litoral sul de São Paulo e litoral do Paraná – Lagamar).

A primeira etapa realizada entre meados de 2018 e o início de 2020 foi realizada por meio de estudos detalhados da cadeia executados pelas consultorias especializadas regionais/locais que envolveram um diagnóstico da região e uma análise econômica detalhada da cadeia produtiva associada a recuperação da vegetação nativa. Considerando esse diagnóstico, foram propostos modelos de recuperação para cada região com foco no potencial de comercialização de produtos madeireiros e não-madeireiros oriundos das áreas recuperadas, visando o incremento da renda dos produtores rurais, bem como a redução dos custos de implantação de projetos de recuperação.

A partir deste estudo inicial realizado em paralelo nas 3 regiões, a Agroicone foi contratada para a elaboração de uma estratégia de financiamento para as ações de recuperação das áreas consideradas como prioritárias pelas consultorias. Nesse contexto mais amplo, as modelagens realizadas pelas consultorias regionais foram transpostas para a escala de paisagem e foi estimado o investimento total para cada uma das regiões com um encadeamento temporal das ações necessárias, indicando os custos, recursos, fontes de financiamento e elos envolvidos na estratégia, além de recomendações para ações futuras visando captações que venham a garantir a continuidade das ações e a implementação das mudanças que se espera nas paisagens.

Com o objetivo de apresentar a estratégia de financiamento e definir uma linha de ação para a implementação de projetos em escala de paisagem foram realizadas oficinas virtuais com organizações e atores locais em cada uma das três regiões. Como resultado dessas oficinas foi formado um comitê gestor com atores relevantes em cada região visando a implementação de estratégia comum para a recuperação da vegetação nativa nos seus respectivos mosaicos. Adicionalmente, foi proposta a elaboração de um projeto executivo de curto prazo para trabalhar em ações que visem a implementação de projetos de maior escala, em paisagem. Os projetos executivos de curto prazo poderão ser ajustados e detalhados conforme as sugestões e necessidades identificadas pelo grupo gestor, além das especificidades dos potenciais financiadores.

Nesse contexto, a Agroicone foi novamente contratada para a elaboração desses projetos executivos de curto prazo e para a identificação e articulação com possíveis financiadores para esses projetos.

O presente relatório tem como objetivo apresentar os projetos executivos de curto prazo elaborados para cada uma das três regiões, assim como um resumo das reuniões realizadas com atores estratégicos para a elaboração e captação de recursos para a execução desses projetos.

No total foram realizadas 22 reuniões com atores locais, 4 reuniões com financiadores e 2 participações em eventos relacionados aos projetos propostos. Outras 2 reuniões estão agendadas para as próximas semanas.

Algumas oportunidades de financiamento foram identificadas para as regiões. Por exemplo, está sendo preparada a manifestação de interesse para o UK PACT Green Recovery Challenge Fund a ser aplicado para as três regiões e a Agroicone será a proponente tendo a Iniciativa Verde e MDPS como parceiros. Em relação a região do MCF, a Sinal do Vale também apresentará um projeto financiável para o UK PACT, com foco na sua região de atuação e com o apoio de outras organizações locais. O prazo para manifestação de interesse é até 14 de dezembro de 2020 e se aprovado, o início do projeto será em abril/maio de 2021. O programa DeveloPPP da GIZ pode ser uma boa alternativa para as regiões do MAPES, tendo como possível principal proponente o Cocoa Action, e para a região do LAGAMAR, no contexto da promoção de negócios sustentáveis na Grande Reserva da Mata Atlântica. A Agroicone está na fase de mapeamento das empresas e poderá fazer uma reunião com os representantes da GIZ para detalhamento do programa. Anualmente são abertas 4 chamadas para o programa DeveloPPP, com as seguintes datas limite para submissão de projetos: 31/dez, 31/mar, 30/jun e 31/nov. Ainda, por causa dos modelos de negócio que serão desenvolvidos, há potencial que o P4F tenha interesse em alguma das três regiões, os projetos serão apresentados em uma reunião em meados de dezembro, quando o P4F começa a receber propostas para novos projetos. A Agroicone está fazendo reuniões bilaterais para encontrar possíveis proponentes parceiros. No caso do P4F não há um prazo final para envio da proposta pois eles aceitam que sejam apresentadas propostas, praticamente, durante o ano todo. Por último, a IKI (BMU) está com edital aberto até março/2021 e, após envio da proposta para UK Pact, a Iniciativa Verde marcará uma reunião com o comitê gestor do LAGAMAR para detalhamento de um projeto financiável.

Após a oficina realizada para os atores das 3 regiões no dia 08/12/2020, ficaram definidos os seguintes animadores e responsáveis pelas reuniões periódicas dos comitês (reuniões bimestrais):

- MAPES: CI Brasil, SEMA/BA, Agroicone, Fórum Florestal/BA.
- MCF: Sinal do Vale e Agroicone.
- Lagamar: Iniciativa Verde e Agroicone.

2. Projetos executivos de curto prazo

2.1. Região MCF

1. INSTITUIÇÃO PROPONENTE	
Razão Social: Instituto Sinal do Vale	
Endereço (logradouro/nº/complemento): Rua Álvaro Alvim, 21/16 andar - Rio de Janeiro - RJ CEP 20031-010	
Telefone(s): 021-99892-8910 / 021-36584597	
Responsável legal: Thais Corral	Cargo: Coordenadora Geral
Número do documento de identidade (RG): 219689775	Órgão Emissor/UF: Detran / RJ
Breve descrição da organização, seu propósito e experiências:	
<p>Instituto Sinal do Vale é uma OSCIP (Organização social de interesse público) é zelador de 200 hectares de terra situados na APA de Petrópolis, na entrada do Mosaico Central Fluminense da Mata Atlântica. É um centro de regeneração para ecossistemas, comunidades e indivíduos e tem como visão ser um catalisador para uma mudança social e ambiental tangível para as comunidades local e global. Articula com gestores de unidades de conservação e agentes de diferentes idades, cultura, setores e profissões num espaço para diálogo e experiências práticas de sustentabilidade.</p> <p>O SINAL contribui diretamente para as metas 3, 6, 8, 9, 13, 14, 15 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável Global, oferecendo à comunidade local e global, um exemplo a ser seguido em territórios tais como o Mosaico Central Fluminense da Mata Atlântica.</p>	
2. IDENTIFICAÇÃO DOS PARCEIROS E LINHAS DE ATUAÇÃO	
Nome: Sinal do Vale	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor do projeto. Implementação de projetos de recuperação com aproveitamento econômico.
Nome: Reserva Ecológica de Guapiaçu (REGUA)	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor do projeto. Parceira no apoio institucional e compartilhamento de experiências e contatos.
Nome: Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS)	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor do projeto. Parceira na captação de recursos e nos subsídios técnicos para construir o projeto de escala de paisagem. Preparação de material de comunicação. Disponibilidade para se apresentar em um consórcio como proponente.
Nome: Muda Tudo	Possibilidade de atuação no projeto: Participação do comitê gestor. Disponibilidade para se apresentar em um consórcio como proponente. Fornecimento de mudas.
Nome: Pro Mudas Rio	Possibilidade de atuação no projeto: Participação do comitê gestor. Disponibilidade em se apresentar

	em um consórcio como proponentes. Fornecimento de mudas.
Nome: Agroicone	Possibilidade de atuação no projeto: Participação do comitê gestor. Implementação de projetos de recuperação, articulação com atores locais: cooperativas, associações e empresas privadas, preparação de material para comunicação e elaboração do projeto em escala. Disponibilidade para se apresentar em um consórcio como proponente.
Nome: Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO)	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor do projeto. Parceira na articulação e no engajamento dos produtores, compartilhamento de experiências na produção de produtos orgânicos e no acesso à mercados consumidores.
Nome: GIZ	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor do projeto. Apoio institucional e possível financiamento de atividades de desenvolvimento de capacidades e comunicação por meio de futuros projetos.
Nome: Ministério do Meio Ambiente	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor do projeto. Apoio institucional.

3. ATIVIDADES PROPOSTAS

3.1 DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA

O mundo está passando por uma crise ambiental severa, com destaque para os efeitos da mudança do clima que são sentidos em diversas regiões e afetam em especial os mais vulneráveis. Em paralelo, a crise econômica iniciada em 2008 gerou crises sociais e políticas em muitos países, que vem sendo agravadas pela pandemia de Covid-19. Frente a esse difícil cenário global, a recuperação de vegetação nativa se apresenta como uma interessante alternativa para solucionar simultaneamente diversos desses problemas. Florestas e outras formações capturam carbono da atmosfera, contribuindo para mitigação da mudança do clima e colaboram para conservação da biodiversidade. Projetos de restauração também podem gerar empregos e renda, especialmente em modelos com produtos madeireiros e não-madeireiros, como frutas. O Brasil se destaca neste panorama por apresentar várias condições que favorecem a recuperação de vegetação nativa, como o grande estoque de terras disponíveis, legislação favorável, tecnologias disponíveis e clima propício, aliado a cadeias de valor com sinergias, como as de florestas plantadas.

A região do Mosaico da Mata Atlântica Central Fluminense (MCF), considerando os municípios limítrofes contempla 23 municípios e uma área 1.182 mil hectares. No total 74 UCs encontram-se totalmente ou parcialmente dentro do limite do MCF, sendo 21 de Proteção Integral e 53 de Uso Sustentável. A região é composta por 45% de formação florestal, abrigando importantes remanescente florestais e um grande número de espécies ameaçadas de extinção, 31% de pastagem, 17% de mosaico de agricultura e pastagem e 5% de infraestrutura urbana. No entanto, o uso da terra predominante nas áreas rurais do MCF é a pastagem (53%), com predominância das pastagens naturais e plantadas em boas condições, seguido por florestas em áreas de Área de Proteção Permanente - APP e Reserva Legal - RL (27%) e lavouras (10%, sendo 5,8% temporárias) (IBGE, 2017a).

De acordo com os dados IMAFLORA, considerando a região do MCF de modo agregado, as propriedades rurais apresentam mais de 45 mil hectares de débito em Áreas de Proteção Permanente – APPs (76%) e 14

mil hectares de Reservas Legal – RLs (24%). A recuperação dessas áreas tem um potencial de absorção de carbono de aproximadamente 1 milhão de toneladas de CO₂eq.

Os projetos de recuperação identificados na região são, em sua maioria, impulsionados pelo poder público, através de mecanismos de compensação ambiental, e iniciativas voluntárias são escassas. Em geral, os projetos utilizam a estratégia de plantio de mudas em área total e não preveem a exploração econômica dessas áreas. As ONGs desempenham papel importante na região, implementando áreas de recuperação, estimulando viveiros de mudas nativas e articulando com o poder público e setor privado, executando inclusive compromissos de recuperação.

No âmbito do Projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e financiado pelo governo alemão, foi desenvolvido um estudo sobre a cadeia produtiva da recuperação da vegetação nativa na região, incluindo um diagnóstico das atividades na recuperação.

Neste estudo, foram propostos nove modelos de recuperação da vegetação nativa visando a regularização ambiental (recuperação de APPS e RLs) das propriedades rurais da região. Destes, seis foram desenvolvidos objetivando a exploração comercial, destinados à recomposição de RL (modelos A, B, C e D) ou APPs de pequenas propriedades (modelos E e F) e três objetivando apenas a recomposição da estrutura florestal. O modelo “Silvicultura de nativas” (A) é voltado para a exploração de madeiras iniciais, médias e finais de espécies nativas. O modelo “Eucalipto + muvuca de nativas” (B) prevê a plantação de mudas de eucalipto combinadas com a plantação de espécies nativas através da muvuca de sementes. O modelo “Plantio total com eucalipto e juçara” (C) busca integrar a exploração econômica de madeira com a de produtos florestais não-madeireiros, através do plantio de mudas nativas e exóticas, tendo como carro-chefe o fruto de juçara. O modelo “Agro-sucessional” (D) propõe um plantio agroflorestal agroecológico, com implementação e enriquecimento de um pomar como fase de transição para a recuperação da vegetação nativa. O modelo “SAF em topo de morro” (E) prevê a implementação de SAF combinando a exploração de produtos não-madeireiros, como a aroeira pimenteira, com o cultivo de tubérculos. O modelo “SAF em mata ciliar” (F) apresenta-se como o mais intensivo no uso agrícola, combinando o cultivo de hortaliças com frutíferas exóticas e nativas, como a jabuticaba e a juçara. Os três modelos sem exploração econômica (G, H e I) são destinados principalmente à recomposição de APPS, onde não é possível a exploração econômica. Esses modelos são adequados para as áreas com diferentes níveis de potencial de regeneração natural. O modelo “Plantio total” (G) caracteriza-se por um plantio total de mudas para regiões de baixo potencial de regeneração natural. O modelo de “Enriquecimento ecológico” (H) é destinado às áreas com médio potencial de regeneração, e considera a realização de um plantio parcial (50% da área). Já o modelo de “Condução da Regeneração Natural” (I) considera apenas os custos de cercamento e manutenção e é destinado a áreas com alto potencial de regeneração natural. Informações sobre a construção de cada um destes são detalhadas abaixo.

As receitas totais estimadas variam entre 62 mil e 707 mil reais, e os indicadores financeiros demonstram que, em geral, os modelos têm a capacidade de cobrir os investimentos realizados e até gerar lucro para os proprietários. Incentivos econômicos, como linhas de créditos com juros baixos e esquemas de Pagamento por Serviços Ambientais - PSA, podem contribuir para a viabilidade dos modelos, diminuindo o tempo de retorno e auxiliando os proprietários na implementação destes.

No entanto, o grande desafio da implementação de modelos de recuperação da vegetação nativa na região é a falta de engajamento dos proprietários e produtores.

Um conjunto de fatores ajudam a explicar o não interesse dos produtores em recuperar seus passivos ambientais, como os recursos limitados, a falta de conhecimento dos produtores, os poucos exemplos de caso de recuperação com aproveitamento econômico implementados, as incertezas sobre o resultado econômico e comercialização da produção, a percepção da recuperação apenas como um custo, além da insegurança jurídica e falta de regulamentação clara para a exploração dessas áreas. Uma maior definição sobre esses pontos é essencial para um maior engajamento dos produtores.

Dessa forma, a implementação de áreas piloto, de forma a trabalhar e engajar os elos da cadeia da recuperação, é um passo importante tanto para testar a viabilidade da implementação dos modelos propostos como para motivar os produtores a recuperarem os seus passivos.

Em reuniões com organizações locais e parceiras dessa iniciativa foi destacada a região do vale do Rio Santo Antônio, que está localizada na zona de amortecimento do Refúgio de Vida Silvestre Estadual da Serra da Estrela (REVISEST). Ali está localizada a sede do Instituto Sinal do Vale, organização social de interesse público (OSCIP) que possui uma área de 200 hectares onde vem efetuado experimento de cadeias produtivas de recuperação da vegetação. O Instituto Sinal do Vale é o principal articulador, de uma iniciativa maior na Bioregião REVISEST, que inclui a área propriamente dita de 5 mil hectares do Refúgio e a área de amortecimento, perfazendo um total de aproximadamente 10 mil hectares. A área se justifica como projeto piloto pelo seu potencial de aumento significativo da biodiversidade e mitigação da mudança climática com as ações propostas. O REVISEST tem a função de criação de corredores ecológicos com consolidação de biodiversidade da Mata Atlântica na Serra do Mar, ligando o REVISEST as demais unidades de conservação da região, em especial o Parque Nacional da Serra dos Órgãos e Reserva Biológica do Tinguá. A bioregião tem um potencial de desenvolvimento sustentável para aproximadamente 10 mil hectares, envolvendo por volta de 700 produtores, podendo dar escala aos projetos pilotos de cadeias de recuperação implementados tendo o engajamento desses produtores. Além disso, para que a recuperação saia de projetos pontuais e atinja uma escala mais ampla e integrada é preciso que as organizações, incluindo comitês de bacias, universidades, empresas locais e governo, tenham uma visão comum e atuem em cooperação priorizando a visão e objetivo único da recuperação em nível regional.

3.2 OBJETIVO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E RESULTADOS ESPERADOS

Objetivo geral

O objetivo da proposta é implementar áreas demonstrativas de recuperação de forma a identificar e viabilizar as condições necessárias para a recuperação da vegetação em escala integradas no Mosaico Central Fluminense.

Objetivos específicos

Para atingir o objetivo geral, os objetivos específicos são:

- Criar e organizar um comitê gestor com atores regionais e locais que possam subsidiar ideias e meios para a implementação de iniciativas de cadeias de recuperação produtiva;
- Implantar a estratégia articulada de recuperação da vegetação elaborada de forma colaborativa por atores regionais;
- Implementar projeto piloto no Instituto Sinal do Vale de recuperação produtiva de modo a capacitar produtores da região para a implementação dos modelos propostos pelo estudo coordenado pelo MMA e organizar a cadeia da recuperação como um todo;
- Realizar mapeamento arbóreo para identificação e georeferenciamento das espécies do Sinal do Vale de modo a orientar a restauração;
- Produzir a partir do mapeamento arbóreo um manual explicativo para que possa ser difundido como uma prática no MCF;
- Instalação de um pomar de sementes de espécies nativas da mata atlântica de modo a gerar matrizes para a produção de novas mudas;
- Mapear as áreas de APP e RL, através da base de dados do CAR em parceria com o INEA, na Bioregião REVISEST em caráter piloto de maneira a mostrar como isso poderá ser feito em outras regiões do MCF;

- Engajar novos atores locais, como unidades de conservação, ONGs, universidades, associações comunitárias, empresas privadas e governos estaduais, em iniciativas visando a restauração da paisagem;
- Adaptar os modelos de recuperação propostos no projeto coordenado pelo MMA, para atender as especificidades locais;
- Engajar os produtores;
- Identificar financiadores, incluindo fundações filantrópicas nacionais e internacionais;
- Elaborar o projeto de recuperação em larga escala;
- Apresentar o projeto de larga escala para instituições financeiras e fundos de impacto.

No âmbito do Projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente já foi realizado um diagnóstico da região como um todo, com o levantamento dos passivos ambientais, perfil dos produtores e característica produtiva, além do mapeamento dos atores atuantes.

Mosaico Central Fluminense (MCF)	
Área do mosaico e municípios limítrofes (mil ha)	1.182 (23 municípios)
Déficit APP (ha)	45.448
Déficit RL (ha)	14.576
UCs	74 Unidades de Conservação, sendo: 21 de Proteção Integral 53 de Uso Sustentável
Uso da terra (principais usos)	45% formação florestal 31% pastagem 17% agricultura e pastagem 5% área urbana
Estrutura fundiária	Propriedades rurais: 474 mil ha Pequenas: 84,1% (27,3% da área) Médias: 11,7% (26,3% da área) Grandes: 4,2% (46,4% da área);
Característica área agrícola	Pecuária extensiva com baixa lotação bovina (< 1UA/ha); Concentra 43% da avicultura do estado do RJ; Produção diversificada com predominância da lavoura temporária, em especial alface, aipim, laranja e café

Com base nesse diagnóstico foram propostos modelos de recuperação para a região, assim como os investimentos necessários e viabilidade econômica desses modelos.

	<i>Modelos</i>	<i>Custo</i>	<i>Receita</i>	<i>VPL</i>	<i>TIR</i>
	Sem fins econômicos				
	Plantio total de mudas	R\$17.801	-	-	-
	Enriquecimento ecológico	R\$8.900	-	-	-
	Condução da regeneração natural	R\$7.232	-	-	-
	Com fins econômicos				
Em 1 hectare	Silvicultura de nativas	R\$30.027	R\$62.217	-R\$892	5,7%
	Eucalipto + muvuca de nativas	R\$53.919	R\$98.991	R\$6.549	9,0%
	Plantio total com eucalipto + juçara	R\$57.643	R\$73.114	-R\$4.819	3,8%
	Agro-sucessional	R\$64.515	R\$113.421	R\$23.872	18,0%
	SAF em topo de morro com aroeira+forragens	R\$81.537	R\$131.467	R\$29.458	30,9%
	SAF em mata ciliar	R\$412.242	R\$707.121	R\$106.703	51,8%
	Silvicultura de nativas	R\$30.423	R\$62.217	-R\$1.546	5,4%

Etapas e atividades

Considerando as análises já realizadas no âmbito do projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica e visando gerar condições para a implementação dos modelos propostos em escala no médio prazo é necessário que as seguintes etapas e atividades sejam desenvolvidas no curto prazo:

**ETAPA
1**

Formação do comitê gestor

O comitê gestor é formado pelas organizações parceiras do projeto e suas atividades são:

1. Identificação de outras organizações e atores importantes para integrar o comitê gestor
2. Reuniões ordinárias bimestrais para orientar as ações do projeto e extraordinárias se necessário.
3. Apoio e interlocução com governos, empresas e instituições financiadoras.

**ETAPA
2**

Engajamento

As atividades de engajamento dos elos da cadeia da recuperação são fundamentais para o sucesso da implementação de projetos de recuperação e englobam:

1. Mapear os produtores interessados em participar do projeto e implementar projetos pilotos
2. Desenvolvimento de uma cartilha explicativa orientada para os produtores sobre os modelos de recuperação com aproveitamento econômico.
3. Reuniões com associações e cooperativas locais para engajamento das mesmas
4. Workshops para produtores em associações/cooperativas locais
5. Dia de campo durante a implementação dos projetos pilotos e para casos já implementados
6. Reuniões com os outros elos da cadeia da recuperação, viveiros, governos, universidades e empresas locais para garantir tanto a oferta como a demanda para os produtos que serão gerados.

**ETAPA
3**

Implementação dos projetos pilotos

1. Mapeamento da Bioregião REVERSEST (passivos ambientais, perfil das propriedades, uso da terra, etc.)
2. Definição dos modelos para a implementação dos projetos pilotos
3. Implementação de projetos pilotos (3 projetos pilotos para recuperação da vegetação nativa com aproveitamento econômico em um total de 3 hectares) na área da Sinal Verde.
4. Validação dos custos de implementação dos modelos teóricos com dados reais dos projetos pilotos.
5. Realização de análises financeiras e de viabilidade econômica do(s) projeto(s) pilotos implementados
6. Estimativa dos benefícios ambientais e sociais do(s) projeto(s) pilotos implementados

**ETAPA
4**

Elaboração de Projetos em escala de paisagem

1. Identificar e mapear potenciais instituições financeiras e/ou fundos de impacto para financiarem a implementação do projeto
2. Reunião com possíveis financiadores (fundos, parceiros locais, etc.)
3. Apresentação dos casos em fóruns, eventos, seminários nacionais e internacionais.
4. Realizar a captação de recursos reembolsáveis e não reembolsáveis (se possível) para implementação dos modelos
5. Elaboração de ao menos 2 propostas para chamadas de projetos de recuperação em escala (com meta de recuperação de 500 hectares), com fontes de recursos mistos e/ou não reembolsáveis.

As atividades descritas nas etapas acima poderão ser desenvolvidas tanto pela instituição proponente, a qual é responsável pela execução do projeto como um todo, mas também pelas instituições parceiras ou outras caso as parceiras não apresentem as competências e habilidades para a execução das atividades requeridas. Essas e outras definições serão tomadas em conjunto pelo Comitê Gestor.

Resultados esperados

- Comitê Gestor estruturado, engajado e atuante;
- Visão integrada e unificação das agendas das Unidades de Conservação e organizações locais para a implementação de projetos de recuperação com escala na região;
- Implementação de 3 projetos pilotos de recuperação com finalidade econômica na área da Sinal do Vale, um deles com demonstração das etapas de produção e comercialização e outro difundindo formas de estruturação da atividade de coleta de sementes e produção de mudas;
- Produtores rurais capacitados sobre os modelos apresentados para restauração e suas oportunidades;
- Elaboração de 2 propostas para chamadas de projetos com recursos mistos e/ou não reembolsáveis para a recuperação de 500 hectares na Bioregião REVISEST.
- Sistematização de um modelo de gestão integrada dos potenciais para restauração na Bioregião REVISEST que possa ser adaptado para outras bioregiões do MCF.

3.3 PÚBLICO ALVO (BENEFICIÁRIOS)

- Produtores da Bioregião REVISEST que precisam fazer a regularização ambiental, de modo a potencializar a consolidação dos corredores ecológicos;
- Pequenas, medias e grandes empresas que atuam localmente e que poderão comprar os produtos gerados nas áreas de cadeias de recuperação;
- Organizações locais que possam ter o papel de catalizadores como é o caso do Instituto Sinal do Vale;
- Unidades de Conservação do MCF e universidades.

4. CRONOGRAMA DETALHADO

Atividades	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	M11	M12
1. Mapeamento da região do Refúgio da Vida Silvestre da Serra da Estrela	X	X										
2. Reuniões do comitê gestor	X		X		X		X		X		X	

3. Desenvolvimento de material de apoio para comunicação com produtores							X	X	X			
4. Capacitação para implementação de viveiros com manual e vídeos		X	X	X								
5. Mobilização das empresas e demais elos de beneficiamento e comercialização				X	X	X	X					
6. Mapeamento e interlocução com possíveis financiadores	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
7. Comunicação com produtores (workshops, dia de campo, capacitações, etc.)									X	X	X	
8. Implementação dos projetos pilotos com previsão de indicadores de efetividade			X	X	X	X	X	X	X	X		
9. Desenho do projeto de recuperação em escala para a região do REVERSEST								X	X	X	X	
10. Elaboração de 2 propostas para chamadas de fundo de impacto										X	X	X

5. ORÇAMENTO DETALHADO

Atividades	R\$
1. Mapeamento da região do Refúgio	R\$ 15.000,00
2. Reuniões do comitê gestor	R\$ 10.000,00
3. Mobilização de produtores, das UCs, do governo, indústria local e demais elos de beneficiamento e comercialização (reuniões, preparação de material para reuniões, etc.)	R\$ 28.000,00
4. Comunicação com produtores (workshops, dia de campo, capacitações, etc.)	R\$ 35.000,00
5. Desenvolvimento de material de apoio para comunicação com produtores (elaboração de vídeo e folder sobre os modelos de recuperação, diagramação, impressão de 2.000 cópias)	R\$ 20.000,00
6. Mapeamento e interlocução com possíveis financiadores	R\$ 5.000,00
7. Desenho do projeto de recuperação em escala (500 hectares) financiáveis	R\$ 30.000,00
8. Implementação dos projetos pilotos (3 projetos pilotos) – 3 hectares	R\$ 83.500,00
9. Captação de recursos para projetos a serem implementadas no MCF para a recuperação de áreas degradadas, levantamento florístico, pesquisas e estruturação da cadeia da recuperação, aplicação de 2 propostas e aplicação para chamadas de fundos não reembolsáveis ou mistos.	R\$ 55.000,00
10. Capacitação para implementação de viveiros com manual e vídeos	R\$ 25.000,00
Total do investimento	R\$ 306.500,00

2.2. Região MAPES

1. INSTITUIÇÃO(ÕES) PROPONENTE(S)	
Razão Social:	
Endereço (logradouro/nº/complemento):	
Telefone(s):	
Responsável legal:	Cargo:
Número do documento de identidade (RG):	Órgão Emissor/UF:
Breve descrição da organização, seu propósito e experiências:	
2. IDENTIFICAÇÃO DOS PARCEIROS E LINHAS DE ATUAÇÃO	
Nome: Agroicone	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Implementação de projetos de recuperação, articulação com atores locais: cooperativas, associações e empresas privadas, preparação de material para comunicação e elaboração do projeto em escala. Disponibilidade para se apresentar como consórcio de proponente.
Nome: Conservação Internacional	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Disponibilização e geração de informações e dados para tomada de decisão. Interlocução com os atores e apoio na captação.
Nome: Fórum Florestal do Extremo Sul da Bahia	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Interlocução e articulação com empresas do setor florestal e outras organizações locais. Mapeamento e monitoramento. Engajamento de outras organizações e governo local.
Nome: Movimento de Defesa de Porto Seguro (MDPS)	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Implementação de projetos de recuperação, diagnósticos ambientais, trabalhos de captação e articulação com atores locais: cooperativas, associações e empresas privadas.
Nome: Institutos Ciclos	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Desenhos de modelos e implementação de projetos de recuperação e articulação local.
Nome: Associação dos Produtores de Eucalipto do Sul e Extremo Sul da Bahia (ASPEX)	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Áreas com necessidade de regularização para a implementação dos casos pilotos.
Nome: GIZ	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Mobilização regional e

	possibilidade de financiamento através de arranjos com a iniciativa privada.
Nome: Secretaria do Meio Ambiente da Bahia	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Apoio regulatório, engajamento de produtores, apoio na articulação com secretarias municipais e setor industrial.
Nome: Ministério do Meio Ambiente	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Apoio institucional.

3. ATIVIDADES PROPOSTAS

3.1 DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA

O mundo está passando por uma crise ambiental severa, com destaque para os efeitos da mudança do clima que são sentidos em diversas regiões e afetam em especial os mais vulneráveis. Em paralelo, a crise econômica iniciada em 2008 gerou crises sociais e políticas em muitos países, que vem sendo agravadas pela pandemia de Covid-19. Frente a esse difícil cenário global, a recuperação de vegetação nativa se apresenta como uma interessante alternativa para solucionar simultaneamente diversos desses problemas. Florestas e outras formações capturam carbono da atmosfera, contribuindo para mitigação da mudança do clima e colaboram para conservação da biodiversidade. Projetos de restauração também podem gerar empregos e renda, especialmente em modelos com produtos madeireiros e não-madeireiros, como frutas. O Brasil se destaca neste panorama por apresentar várias condições que favorecem a recuperação de vegetação nativa, como o grande estoque de terras disponíveis, legislação favorável, tecnologias disponíveis e clima propício, aliado a cadeias de valor com sinergias, como as de florestas plantadas.

A região estendida do Mosaico de Áreas Protegidas do Extremo Sul da Baía (MAPES) tem cerca de 1,6 milhões de hectares (ha), abrangendo 12 municípios. Além de Unidades de Conservação (UCs) de Proteção Integral e Uso Sustentável, incluindo Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), a região atinge Terras Indígenas e áreas com forte presença de cadeias de florestas plantadas, sendo que áreas com eucalipto, especialmente para indústrias de papel e celulose, ocupam mais de 100 mil ha (6,5%). Cacaú também é uma cadeia produtiva importante na região, além do turismo.

No entanto, o uso da terra predominante na região são as pastagens (42%), com predominância das de baixa produtividade, com média de 0,8 UA/ha.

Com relação a regularização ambiental das áreas agrícolas, a região possui um passivo estimado de 37,4 mil hectares, sendo 15,2 mil em área de Áreas de Proteção Permanente – APP (12 mil em propriedades maiores que 4 módulos fiscais) e 22,2 mil em áreas de Reserva Legal (RL).

Na região do MAPES existem várias organizações com projetos para a recuperação dos passivos ambientais tanto já finalizados como em curso com o objetivo de recuperação dessas áreas, como os liderados pelo Movimento de Defesa de Porto Seguro, Natureza Bela, Arboretum, Fórum Florestal da Bahia, Conservação Internacional, WWF, TNC, entre outros. No entanto, nem sempre esses projetos são conectados ou possuem continuidade tornando-se ações pontuais com alcance limitado.

No âmbito do Projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e financiado pelo governo alemão foram propostos modelos para a recuperação do passivo ambiental na região do MAPES.

Além do modelo de plantio total de mudas sem aproveitamento econômico, foram propostos dois modelos de recuperação da vegetação nativa com aproveitamento econômico: um com SAF de cacaú e banana nos anos iniciais e outro com SAF de açaí, cupuaçu e banana nos anos iniciais. Esses dois últimos modelos mostraram-se viável economicamente, com uma taxa interna de retorno de 11% (em valores reais).

No entanto, segundo as organizações que estão atuando no MAPES, um dos maiores desafios da implementação de modelos de recuperação da vegetação nativa na região tanto sem como com aproveitamento é a falta de engajamento dos produtores.

Um conjunto de fatores ajudam a explicar o não interesse dos produtores em recuperar seus passivos ambientais, como a falta de conhecimento, os poucos exemplos de caso de recuperação com aproveitamento econômico implementados, as incertezas sobre o resultado econômico e comercialização da produção, a percepção da recuperação apenas como um custo, além da insegurança jurídica e falta de regulamentação clara para a exploração dessas áreas. Uma maior definição sobre esses pontos é essencial para um maior engajamento dos produtores.

Um maior número de produtores pode ser engajado através de instituições aglutinadoras como as associações de produtores. Uma associação com forte atuação no sul e extremo sul da Bahia é a associação dos produtores de eucalipto ASPEX. Atualmente a ASPEX possui 80 associados com uma área produtiva de 19 mil hectares. A associação também possui uma área própria com um déficit de 3 hectares onde podem ser implementados os projetos pilotos, conforme declarado pela própria associação. Além disso, para que a recuperação saia de projetos pontuais e atinja uma escala mais ampla e integrada é preciso que as organizações, incluindo comitês de bacias, universidades, empresas locais e governo tenham uma visão comum e atuem em cooperação priorizando uma visão e objetivo único da recuperação em nível regional.

3.2 OBJETIVO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E RESULTADOS ESPERADOS

Objetivos

O objetivo da proposta é implementar áreas demonstrativas de recuperação de forma a identificar e viabilizar as condições necessárias para a recuperação da vegetação em escala integradas no MAPES.

Para atingir o objetivo geral, os objetivos específicos são:

- Criar e organizar o comitê gestor com atores regionais e locais que possam subsidiar ideias e meios para a implementação de iniciativas de cadeias de recuperação produtiva;
- Implantar a estratégia articulada de recuperação da vegetação elaborada de forma colaborativa por atores regionais;
- Implementar nas áreas deficitárias da ASPEX o projeto piloto de recuperação produtiva de modo a capacitar produtores da região para a implementação dos modelos propostos pelo estudo coordenado pelo MMA e organizar a cadeia da recuperação como um todo;
- Mapear as áreas de APP e RL da ASPEX em caráter piloto de maneira a mostrar como isso poderá ser feito em outras regiões do MAPES.
- Engajar novos atores locais, como unidades de conservação, ONGs, universidades, associações comunitárias, empresas privadas e governos estaduais, em iniciativas visando a restauração da paisagem;
- Adaptar os modelos de recuperação propostos no projeto coordenado pelo MMA, para atender as especificidades locais;
- Engajar os produtores;
- Identificar financiadores, incluindo fundações filantrópicas nacionais e internacionais;
- Elaborar o projeto de recuperação em larga escala;
- Apresentar o projeto de larga escala para instituições financeiras e fundos de impacto.

No âmbito do Projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente já foi realizado um diagnóstico da região como um todo, com o levantamento dos passivos ambientais, perfil dos produtores e característica produtiva, além do mapeamento dos atores atuantes.

Mosaico de Áreas Protegidas do Extremo Sul da Bahia (MAPES)

Área (mil ha)	1.600 (12 municípios)
Déficit APP (ha)	Total: 15.210 Até 4MF: 3.162 > 4MF: 12.048
Déficit RL (ha)	22.208
UCs	12 (196,9 mil ha)
Uso da terra (principais usos)	36% formação florestal 6,6% agricultura 41,6% pastagem 9,7% eucalipto
Estrutura fundiária	Propriedades rurais: 4.215 (1.014 mil ha) Até 4MF: 77% (19% da área) > 4MF: 23% (81% da área)
Característica área agrícola	Estrutura agrícola diversificada , em especial silvicultura e cultivos de cacau, açaí, café, cana de açúcar, mamão e mandioca. Pecuária extensiva e com baixa produtividade, com média de 0,8 UA/ha.

Com base nesse diagnóstico foram propostos modelos de recuperação para a região, assim como os investimentos necessários e viabilidade econômica desses modelos.

	Modelos	Custo	Receita	VPL	TIR
	Sem fins econômicos				
Em 1 hectare	Plantio de mudas nativas	R\$ 26.040	R\$ 13.155	-R\$ 17.373	-6,2%
	Com fins econômicos				
	SAF cacau	R\$ 129.067	R\$ 199.388	R\$ 20.114	11,3%
	SAF açaí	R\$ 89.310	R\$ 144.390	R\$ 15.245	11,0%

Em 2016 a Agroicone, através de projeto “12 milhões de hectares em 12 casos reais” também financiado pelo KFW, desenvolveu um estudo avaliando a viabilidade da implementação de modelos de recuperação com finalidade econômica em duas áreas da ASPEX. Foram testados dois modelos para a RL (mogno + nativas; eucalipto para madeira + juçara + nativa) e um para APP (SAF de nativas + juçara + banana). Todos os modelos testados mostraram-se viáveis economicamente, com uma taxa interna de retorno superior a 15%.

ANÁLISE ECONÔMICA DAS ÁREAS DE RL COM APROVEITAMENTO ECONÔMICO

Projeto	1 - Fazenda A		2 - Fazenda B		Ambas Fazendas	
Modelo:	Madeireiro - Mogno + Nativas		Eucalipto p/ Madeira + Nativa+ Juçara		SAF APP - Nativa+ Juçara + banana	
Informações econômicas	Área: 6,70		Área: 6,74		Área: 8,39	
	projeto	hectare	projeto	hectare	projeto	hectare
TAXA DE DESCONTO	10,0%		10,0%		10,0%	
VPL	R\$ 129.867	R\$ 19.383	R\$ 255.619	R\$ 37.926	R\$ 40.707	R\$ 4.851
TIR	15,2%		23,0%		16,9%	
Anos de projeto	25		25		25	
Investimento inicial (1º Ano)	R\$ 105.269	R\$ 15.712	R\$ 72.992	R\$ 10.830	R\$ 94.146	R\$ 11.220
CUSTOS DO PROJETO RL						
Custos presente	R\$ 149.874	R\$ 22.369,21	R\$ 133.838	R\$ 19.857,22	R\$ 204.894	R\$ 24.418,27
Custo médio hectare/ano	R\$ 5.995	R\$ 895	R\$ 5.354	R\$ 794	R\$ 8.196	R\$ 977
RECEITAS DO PROJETO RL						
Receitas presente	R\$ 279.741	R\$ 41.752	R\$ 389.457	R\$ 57.783	R\$ 245.601	R\$ 29.270
Receitas média por ano (RL)	R\$ 11.190	R\$ 1.670	R\$ 15.578	R\$ 2.311	R\$ 9.824	R\$ 1.170,78
PAYBACK	15º ANO		10º ANO		9º Ano	

Etapas e atividades

Considerando as análises já realizadas no âmbito do projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica e visando gerar condições para a implementação dos modelos propostos em escala no médio prazo é necessário que as seguintes etapas e atividades sejam desenvolvidas no curto prazo:

ETAPA 1

Formação do comitê gestor

O comitê gestor é formado pelas organizações parceiras do projeto e suas atividades são:

1. Identificação de outras organizações e atores importantes para integrar o comitê gestor
2. Reuniões ordinárias bimestrais para orientar as ações do projeto e extraordinárias se necessário.
3. Apoio e interlocução com governos, empresas e instituições financiadoras.

ETAPA 2

Engajamento

As atividades de engajamento dos elos da cadeia da recuperação são fundamentais para o sucesso da implementação de projetos de recuperação e englobam:

1. Mapear os produtores interessados em participar do projeto e implementar projetos pilotos
2. Desenvolvimento de uma cartilha explicativa orientada para os produtores sobre os modelos de recuperação com aproveitamento econômico.
3. Reuniões com associações e cooperativas locais para engajamento das mesmas
4. Workshops para produtores em associações/cooperativas locais
5. Dia de campo durante a implementação dos projetos pilotos e para casos já implementados
6. Reuniões com os outros elos da cadeia da recuperação, viveiros, governos, universidades e empresas locais para garantir tanto a oferta como a demanda para os produtos que serão gerados.

ETAPA 3

Implementação dos projetos pilotos

1. Mapeamento das áreas da ASPEX (passivos ambientais, perfil das propriedades, uso da terra, etc.)
2. Definição dos modelos para a implementação dos projetos pilotos
3. Implementação de projetos pilotos (3 projetos pilotos para recuperação da vegetação nativa com aproveitamento econômico em um total de 3 hectares) nas áreas deficitárias da ASPEX.
4. Validação dos custos de implementação dos modelos teóricos com dados reais dos projetos pilotos.
5. Realização de análises financeiras e de viabilidade econômica do(s) projeto(s) pilotos implementados
6. Estimativa dos benefícios ambientais e sociais do(s) projeto(s) pilotos implementados

ETAPA 4

Elaboração de Projetos em escala de paisagem

1. Identificar e mapear potenciais instituições financeiras e/ou fundos de impacto para financiarem a implementação do projeto
2. Reunião com possíveis financiadores (fundos, parceiros locais, etc.)
3. Apresentação dos casos em fóruns, eventos, seminários nacionais e internacionais.
4. Realizar a captação de recursos reembolsáveis e não reembolsáveis (se possível) para implementação dos modelos
5. Elaboração de ao menos 2 propostas para chamadas de projetos de recuperação em escala (com meta de recuperação de 500 hectares), com fontes de recursos mistos e/ou não reembolsáveis.

As atividades descritas nas etapas acima poderão ser desenvolvidas tanto pela instituição proponente, a qual é responsável pela execução do projeto como um todo, mas também pelas instituições parceiras ou outras caso as parceiras não apresentem as competências e habilidades para a execução das atividades requeridas. Essas e outras definições serão tomadas em conjunto pelo Comitê Gestor.

Resultados esperados

- Comitê Gestor estruturado, engajado e atuante;
- Visão integrada e unificação das agendas das Unidades de Conservação e organizações locais para a implementação de projetos de recuperação com escala na região;
- Implementação de 3 projetos pilotos de recuperação com finalidade econômica na área da ASPEX, um deles com demonstração das etapas de produção e comercialização;
- Produtores rurais capacitados sobre os modelos apresentados para restauração e suas oportunidades;
- Elaboração de 2 propostas para chamadas de projetos com recursos mistos e/ou não reembolsáveis para a recuperação de 500 hectares na área dos associados da ASPEX e região de entorno.

3.3 PÚBLICO ALVO (BENEFICIÁRIOS)

- Associados da ASPEX e produtores da região do entorno;
- Pequenas, medias e grandes empresas que atuam localmente e que poderão comprar os produtos gerados nas áreas de cadeias de recuperação;
- Organizações locais que possam ter o papel de catalizadores como é o caso da ASPEX;
- Unidades de Conservação do MAPES e universidades.

4. CRONOGRAMA DETALHADO

Atividades	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	M11	M12
1. Mapeamento da área dos associados da ASPEX e entorno	X	X										
2. Reuniões do comitê gestor	X		X		X		X		X		X	
3. Desenvolvimento de material de apoio para comunicação com produtores							X	X	X			
4. Mobilização das empresas e demais elos de beneficiamento e comercialização				X	X	X	X					
5. Mapeamento e interlocução com possíveis financiadores	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
6. Comunicação com produtores (workshops, dia de campo, capacitações, etc.)									X	X	X	
7. Implementação dos projetos pilotos com previsão de indicadores de efetividade			X	X	X	X	X	X	X	X		
8. Desenho do projeto de recuperação em escala para as áreas dos associados da ASPEX e entorno								X	X	X	X	
9. Elaboração de 2 propostas para chamadas de fundo de impacto										X	X	X

5. ORÇAMENTO DETALHADO

Atividades	R\$
1. Mapeamento dos projetos de recuperação existentes na região e consolidação dos planejamentos territoriais municipais (PNMA)	R\$ 15.000,00
2. Mapeamento das áreas da ASPEX e entorno (déficit de APP e RL, áreas de pastagens com potencial para outros usos, uso da terra, etc.)	
3. Reuniões do comitê gestor	R\$ 10.000,00
4. Mobilização de produtores, das UCs, do governo, indústria local e demais elos de beneficiamento e comercialização (reuniões, preparação de material para reuniões, etc.)	R\$ 28.000,00
5. Comunicação com produtores (workshops, dia de campo, capacitações, etc.)	R\$ 35.000,00
6. Desenvolvimento de material de apoio para comunicação com produtores (elaboração de folder sobre os modelos de recuperação, diagramação, impressão de 2.000 cópias)	R\$ 20.000,00
7. Mapeamento e interlocução com possíveis financiadores	R\$ 5.000,00
8. Desenho do projeto de recuperação em escala (500 hectares) financiáveis	R\$ 30.000,00
9. Implementação dos projetos pilotos (3 projetos pilotos - total de 3 hectares)	R\$ 83.500,00
10. Captação de recursos para projetos a serem implementadas no MAPES para a recuperação de áreas degradadas, pesquisas e estruturação da cadeia da recuperação, aplicação de 2 propostas e aplicação para chamadas de fundos não reembolsáveis ou mistos.	R\$ 55.000,00
Total do investimento	R\$ 281.500,00

2.3. Região LAGAMAR

1. INSTITUIÇÃO(ÕES) PROPONENTE(S)	
Razão Social: Iniciativa Verde ou TGI (The Green Initiative)	
Endereço (logradouro/nº/complemento): Rua João Elias Saada, 46, Pinheiros, São Paulo, SP CEP 05427 050	
Telefone(s): 55 11 3647-9293; 55 11 98905-5015	Site: www.iniciativaverde.org.br
Responsável legal: Roberto Ulisses Resende	Cargo: Presidente
Número do documento de identidade (RG): M3 736444	Órgão Emissor/UF: SSP MG
Breve descrição da organização, seu propósito e experiências: A Iniciativa Verde é uma organização não governamental que tem como missão geral a melhoria da qualidade ambiental das atividades humanas e o combate às mudanças climáticas, através da análise de impactos, adaptação, aplicação e difusão de ferramentas de incremento de sustentabilidade, através da promoção do desenvolvimento sustentável, da recuperação florestal de áreas degradadas, educação ambiental, preservação e conservação do meio ambiente e combate às mudanças climáticas.	
2. IDENTIFICAÇÃO DOS PARCEIROS E LINHAS DE ATUAÇÃO	
Nome: Iniciativa Verde	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Proponente e execução do projeto.
Nome: SPVS	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor e apoio na implementação e elaboração do projeto.
Nome: ISA	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor e apoio na implementação e elaboração do projeto.
Nome: Agroicone	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Implementação de projetos de recuperação, articulação com atores locais: cooperativas, associações e empresas privadas, preparação de material para comunicação e elaboração do projeto em escala.
Nome: GIZ	Possibilidade de atuação no projeto: Participação do comitê gestor. Mobilização regional e possibilidade de financiamento através de arranjos com a iniciativa privada.
Nome: COOFASB	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Apoio à comercialização. Acesso ao mercado consumidor.
Nome: Universidade Estadual Paulista - UNESP	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Elaboração e execução do projeto.
Nome: CDRS-SAA	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor e apoio institucional, regulatório e para o engajamento dos produtores. ATER.

Nome: SIMA-SP	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor e apoio institucional, regulatório e para o engajamento dos produtores.
Nome: Ministério do Meio Ambiente	Possibilidade de atuação no projeto: Participação no comitê gestor. Apoio institucional.

3. ATIVIDADES PROPOSTAS

3.1 DESCRIÇÃO DA PROBLEMÁTICA

O mundo está passando por uma crise ambiental severa, com destaque para os efeitos da mudança do clima que são sentidos em diversas regiões e afetam em especial os mais vulneráveis. Em paralelo, a crise econômica iniciada em 2008 gerou crises sociais e políticas em muitos países, que vem sendo agravadas pela pandemia de Covid-19. Frente a esse difícil cenário global, a recuperação de vegetação nativa se apresenta como uma interessante alternativa para solucionar simultaneamente diversos desses problemas. Florestas e outras formações capturam carbono da atmosfera, contribuindo para mitigação da mudança do clima e colaboram para conservação da biodiversidade. Projetos de restauração também podem gerar empregos e renda, especialmente em modelos com produtos madeireiros e não-madeireiros, como frutas. O Brasil se destaca neste panorama por apresentar várias condições que favorecem a recuperação de vegetação nativa, como o grande estoque de terras disponíveis, legislação favorável, tecnologias disponíveis e clima propício, aliado a cadeias de valor com sinergias, como as de florestas plantadas.

A região do Mosaico LAGAMAR tem cerca de 1,4 milhão de hectares (ha), abrangendo 28 municípios no litoral sul do estado de São Paulo e toda a costa do estado do Paraná. Compreende 59 Unidades de Conservação (UCs), incluindo parques estaduais e RPPNs, e é onde se encontra o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica do Brasil. Florestas cobrem mais de 86% da região, enquanto a agricultura e pastagem ocupam 5,1% e a área urbana 1,1%. A área agrícola possui uma produção diversificada com destaque para a banana e palmito pupunha. LAGAMAR SP possui 29% do rebanho bubalino do estado.

Com relação a regularização ambiental das áreas agrícolas, a região possui um passivo de 27.796 ha (12.851 em SP e 14.945 no PR) em área de Áreas de Proteção Permanente (APP) e 394 ha (239 em SP e 155 no PR) em áreas de Reserva Legal (RL).

Na região há diversos projetos de recuperação de vegetação nativa recém-finalizados, em andamento e com perspectiva de implantação em curto e médio prazo, como no Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (MOJAC), onde há aproximadamente 250 ha de áreas para recuperar; o Programa Nascentes que lista cerca de 60 ha a recuperar em outras UC do Vale do Ribeira; a Sabesp que, em cumprimento a um termo de ajustamento de conduta, deve recuperar entre 16 ha e 26 ha em cada um dos 23 municípios do Vale do Ribeira; a Arteris que também procura 165 ha de área para recuperar em cumprimento a compromissos de reposição florestal exigidos com a duplicação da BR-116 na Serra do Cafezal. No entanto, nem sempre esses projetos são conectados ou possuem continuidade tornando-se ações pontuais com alcance limitado e a maioria sem finalidade econômica.

No âmbito do Projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e financiado pelo governo alemão, foi feito um diagnóstico da região do LAGAMAR e a partir dele foram propostos modelos com e sem finalidade econômica para a recuperação do passivo ambiental do Mosaico.

Para a região do LAGAMAR foram considerados cinco modelos para a recuperação da vegetação, sendo que desses cinco apenas um não possui finalidade econômica e os demais, por sua vez, são voltados para a geração de receitas via sistemas agroflorestais – SAF, com foco nos frutos nativos e outros produtos não madeireiros. O Modelo 1 “Condução da regeneração natural” é focado no plantio de espécies nativas em APP de médio e grandes Produtores. O Modelo 2 “SAF de frutíferas + custo evitado + bananeira” é voltado para o plantio da juçara (fruto), mirtácea, pimenta rosa e banana em APP de pequenos Produtores. O

Modelo 3 “SAF de frutíferas + madeiras nativas + bananeira” tem como carro chefe a juçara (fruto), mirtácea, pimenta rosa, madeira nativa e banana em RL de médio e grandes produtores. O Modelo 4 “SAF de frutíferas + bananeira” prevê o plantio da juçara (fruto), mirtácea, pimenta rosa e banana em RL de médio e grandes produtores. Por fim, o Modelo 5 “Exploração de eucalipto + bananeira” é voltado para o eucalipto e a banana em RL de médio e grandes produtores. As receitas geradas por esses modelos foram estimadas considerando os produtos obtidos via SAF nos modelos 2, 3, 4 e 5. Os produtos que geram as maiores receitas ao longo de 30 anos de implementação do projeto são a juçara e as mirtáceas (cambuci - *Campomanesia phaea*, a pitanga - *Eugenia uniflora*, a jabuticaba - *Myrciaria truncifolia*, o araçá - *Psidium cattleyanum* e a grumixama - *Eugenia brasiliensis*), com um montante de R\$ 363,6 milhões e R\$ 232,9 milhões, respectivamente.

O mercado de frutas produzidas no Brasil apresenta espaço para crescimento. Porém, há muitos desafios a serem vencidos, principalmente em relação ao mercado de frutas nativas da Mata Atlântica. Há necessidade da criação de incentivos, através de políticas públicas e construção de regulamentações, do desenvolvimento de novos produtos e da elaboração de estratégias para valorizar e, conseqüentemente, aumentar o valor agregado das frutas.

Ainda, segundo as organizações que estão atuando no LAGAMAR, o grande desafio da implementação de modelos de recuperação da vegetação nativa na região tanto sem como com aproveitamento é a falta de engajamento dos produtores.

Um conjunto de fatores ajudam a explicar o não interesse dos produtores em recuperar seus passivos ambientais, como a falta de conhecimento dos produtores e os poucos exemplos de caso de recuperação com aproveitamento econômico implementados, as incertezas sobre o resultado econômico e comercialização da produção, a percepção da recuperação apenas como um custo, além da insegurança jurídica e falta de regulamentação clara para a exploração dessas áreas. Uma maior definição sobre esses pontos é essencial para um maior engajamento dos produtores.

Além disso, para que a recuperação saia de projetos pontuais e atinja uma escala mais ampla e integrada é preciso que as organizações, incluindo comitês de bacias, universidades, empresas locais e governo, tenham uma visão comum e atuem em cooperação priorizando uma visão e objetivo único da recuperação em nível regional.

3.2 OBJETIVO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E RESULTADOS ESPERADOS

Objetivo geral

O objetivo da proposta é implementar áreas demonstrativas de recuperação de forma a identificar e viabilizar as condições necessárias para a recuperação da vegetação em escala integradas no Mosaico Central Fluminense.

Objetivos específicos

Para atingir o objetivo geral, os objetivos específicos são:

- Criar e organizar o comitê gestor com atores regionais e locais que possam subsidiar ideias e meios para a implementação de iniciativas de cadeias de recuperação produtiva;
- Implantar a estratégia articulada de recuperação da vegetação elaborada de forma colaborativa por atores regionais;
- Implementar o projeto piloto de recuperação produtiva de modo a capacitar produtores da região para a implementação dos modelos propostos pelo estudo coordenado pelo MMA e organizar a cadeia da recuperação como um todo;

- Mapear áreas de APP e RL em caráter piloto de maneira a mostrar como isso poderá ser feito em outras regiões do LAGAMAR.
- Engajar novos atores locais, como unidades de conservação, ONGs, universidades, associações comunitárias, empresas privadas e governos estaduais, em iniciativas visando a restauração da paisagem;
- Adaptar os modelos de recuperação propostos no projeto coordenado pelo MMA, para atender as especificidades locais;
- Engajar os produtores;
- Identificar financiadores, incluindo fundações filantrópicas nacionais e internacionais;
- Elaborar o projeto de recuperação em larga escala;
- Apresentar o projeto de larga escala para instituições financeiras e fundos de impacto.

No âmbito do Projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente já foi realizado um diagnóstico da região como um todo, com o levantamento dos passivos ambientais, perfil dos produtores e característica produtiva, além do mapeamento dos atores atuantes.

<i>Mosaico do Litoral de São Paulo e Paraná (LAGAMAR)</i>	
Área (mil ha)	1.488 (28 municípios).
Déficit APP (ha)	Total: 27.796 (12.851 em SP e 14.945 no PR); Até 4MF: 2.515 (1.789 em SP e 726 no PR); > 4MF: 25.281 (13.156 em SP e 12.125 no PR).
Déficit RL (ha)	394 (239 em SP e 155 no PR).
UCs	59 (985,3 mil ha); 40 Unidades de proteção integral; 19 Unidades de uso sustentável.
Uso da terra (principais usos)	86% formação florestal; 5,1% agricultura e pastagem; 1,1% área urbana; 5,3% rio, lago e oceano; 2,1% mangue.
Estrutura fundiária	Propriedades rurais: 17.370 unidades (297 mil ha); Até 4MF: 15.856 unidades (4.579 (PR) e 11.277 (SP)); Maior 4MF: 1.454 Unidades (437 (PR) e 1.017 (SP)).
Característica área agrícola	Produção diversificada com destaque para a banana e palmito pupunha. LAGAMAR SP possui 29% do rebanho bubalino do estado.

Com base nesse diagnóstico foram propostos modelos de recuperação para a região, assim como os investimentos necessários e viabilidade econômica desses modelos.

	<i>Modelos</i>	<i>Custo</i>	<i>Receita</i>	<i>VPL</i>	<i>TIR</i>
<i>Sem fins econômicos</i>					
	<i>Condução da regeneração natural</i>	<i>R\$10.134</i>	<i>-</i>	<i>-R\$9.155,52</i>	<i>-</i>
<hr/>					
<i>Com fins econômicos</i>					
<i>Em 1 hectare</i>	<i>SAF de frutíferas nativas + custo evitado de lenha + banana</i>	<i>R\$35.647</i>	<i>R\$85.531</i>	<i>R\$17.160</i>	<i>18,1%</i>
	<i>SAF de frutíferas nativas e madeiras nativas + banana</i>	<i>R\$44.898</i>	<i>R\$70.261</i>	<i>R\$1.392</i>	<i>6,8%</i>
	<i>SAF de frutíferas nativas + banana</i>	<i>R\$58.568</i>	<i>R\$82.318</i>	<i>R\$4.006</i>	<i>8,7%</i>
	<i>SAF de frutíferas nativas e madeiras nativas + banana</i>	<i>R\$27.639</i>	<i>R\$46.099</i>	<i>R\$498</i>	<i>6,3%</i>

Etapas e atividades

Considerando as análises já realizadas no âmbito do projeto Biodiversidade e Mudanças Climáticas na Mata Atlântica e visando gerar condições para a implementação dos modelos propostos em escala no médio prazo é necessário que as seguintes etapas e atividades sejam desenvolvidas no curto prazo:

ETAPA 1

Formação do comitê gestor

O comitê gestor é formado pelas organizações parceiras do projeto e suas atividades são:

1. Identificação de outras organizações e atores importantes para integrar o comitê gestor
2. Reuniões ordinárias bimestrais para orientar as ações do projeto e extraordinárias se necessário.
3. Apoio e interlocução com governos, empresas e instituições financiadoras.

ETAPA 2

Engajamento

As atividades de engajamento dos elos da cadeia da recuperação são fundamentais para o sucesso da implementação de projetos de recuperação e englobam:

1. Mapear os produtores interessados em participar do projeto e implementar projetos pilotos
2. Desenvolvimento de uma cartilha explicativa orientada para os produtores sobre os modelos de recuperação com aproveitamento econômico
3. Reuniões com associações e cooperativas locais para engajamento das mesmas
4. Workshops para produtores em associações/cooperativas locais
5. Dia de campo durante a implementação dos projetos pilotos e para casos já implementados
6. Reuniões com os outros elos da cadeia da recuperação, viveiros, governos, universidades e empresas locais para garantir tanto a oferta como a demanda para os produtos que serão gerados.

ETAPA 3

Implementação dos projetos pilotos

1. Mapeamento das áreas piloto (passivos ambientais, perfil das propriedades, uso da terra, etc.)
2. Definição dos modelos para a implementação dos projetos pilotos
3. Implementação de projetos pilotos (3 projetos pilotos para recuperação da vegetação nativa com aproveitamento econômico em um total de 3 hectares).
4. Validação dos custos de implementação dos modelos teóricos com dados reais dos projetos pilotos.
5. Realização de análises financeiras e de viabilidade econômica do(s) projeto(s) pilotos implementados
6. Estimativa dos benefícios ambientais e sociais do(s) projeto(s) pilotos implementados

ETAPA 4

Elaboração de Projetos em escala de paisagem

1. Identificar e mapear potenciais instituições financeiras e/ou fundos de impacto para financiarem a implementação do projeto
2. Reunião com possíveis financiadores (fundos, parceiros locais, etc.)
3. Apresentação dos casos em fóruns, eventos, seminários nacionais e internacionais.
4. Realizar a captação de recursos reembolsáveis e não reembolsáveis (se possível) para implementação dos modelos
5. Elaboração de ao menos 2 propostas para chamadas de projetos de recuperação em escala (com meta de recuperação de 500 hectares), com fontes de recursos mistos e/ou não reembolsáveis.

As atividades descritas nas etapas acima poderão ser desenvolvidas tanto pela instituição proponente, a qual é responsável pela execução do projeto como um todo, mas também pelas instituições parceiras ou outras caso as parceiras não apresentem as competências e habilidades para a execução das atividades requeridas. Essas e outras definições serão tomadas em conjunto pelo Comitê Gestor.

Resultados esperados

- Comitê Gestor estruturado, engajado e atuante;
- Visão integrada e unificação das agendas das Unidades de Conservação e organizações locais para a implementação de projetos de recuperação com escala na região;
- Implementação de 3 projetos pilotos de recuperação com finalidade econômica, um deles com demonstração das etapas de produção e comercialização;
- Produtores rurais capacitados sobre os modelos apresentados para restauração e suas oportunidades;
- Elaboração de 2 propostas para chamadas de projetos com recursos mistos e/ou não reembolsáveis para a recuperação de 500 hectares.

3.3 PÚBLICO ALVO (BENEFICIÁRIOS)

- Produtores da região do entorno;
- Pequenas, medias e grandes empresas que atuam localmente e que poderão comprar os produtos gerados nas áreas de cadeias de recuperação;
- Organizações locais que possam ter o papel de catalizadores;
- Unidades de Conservação do LAGAMAR e universidades.

4. CRONOGRAMA DETALHADO

Atividades	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	M11	M12
1. Mapeamento das áreas onde serão implementados os projetos piloto	X	X										
2. Reuniões do comitê gestor	X		X		X		X		X		X	
3. Desenvolvimento de material de apoio para comunicação com produtores							X	X	X			
4. Mobilização das empresas e demais elos de beneficiamento e comercialização				X	X	X	X					
5. Mapeamento e interlocução com possíveis financiadores	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
6. Comunicação com produtores (workshops, dia de campo, capacitações, etc.)									X	X	X	
7. Implementação dos projetos pilotos com previsão de indicadores de efetividade			X	X	X	X	X	X	X	X		
8. Desenho do projeto de recuperação em escala para uma microrregião do LAGAMAR								X	X	X	X	

3. Resumo das reuniões realizadas com atores estratégicos

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
13/10/2020	Oficina 1	MCF	Conversa com produtores e organizações locais para promover engajamento no projeto e desenvolver novas ideias	Luciane Chiodi – Agroicone; Alexandre Ferrazoli – Funbio; Daniel Piotto – UFSB; Hendrik Mansur – TNC; Bárbara Pellegrini – Viveiro Muda Tudo; Nelson Teixeira – Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento do Estado do RJ; Helga Hissa – Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento do Estado do RJ; Vinicius Pacheco – IIS; Fernanda Tubenchlak – IIS; Isis Freitas – Departamento de Conservação de Ecossistemas/SASA/MMA; Bruno Filizola – GIZ; Maria Olatz del Rosario - GIZ; Manoel Beauclair - ABIO; Nicholas Locke – REGUA; Aline Damasceno; Luisa Ázara – Produtora agroflorestal; Luciana Rocha – GIZ; Telmo Borges – SEAS/RJ; Lucas Silveira; Thais Corral; Zuleica Maria Moreira; Mateus Dalla Senta	<p>A oficina teve como objetivo apresentar para as organizações locais os estudos realizados, assim como os modelos sugeridos para a região do MCF. Ainda, considerando a experiência desses atores com a realidade local, foram ouvidas críticas construtivas e sugestões para aumentar as chances de sucesso do projeto.</p> <p>Foram sugeridos alguns polos de produtos, como a jaca e a juçara. Grandes empresas da região precisam ser envolvidas, como a Coca Cola. Deve-se focar e começar nas agendas existentes e fazer um trabalho forte para engajar os produtores e convencê-los de que isso é negócio.</p> <p>Encaminhamentos: Definir a composição do grupo gestor. Definir o(s) proponente(es). Realizar uma segunda oficina para aprofundar e discutir mais sobre o projeto.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
14/10/2020	Oficina 1	MAPES	Conversa com produtores e organizações locais para promover engajamento no projeto e desenvolver novas ideias	Luciane Chiodi – Agroicone; João Carlos Pádua – Econamfi; Alessandro – Econamfi; Sandra Steimetz - ANNAMA; Grazielle Cardoso; Aldo Carvalho da Silva; Bruno Filizola – GIZ; Rubens Benini; Fragoso Junior; Danilo Sette; Vitor Alberto de Matos Pereira; Ivana Lamas – GIZ; Daiane Maria Pires e Silva; Luciana Rocha – GIZ; Felipe Bastos Lobo da Silva; Renata Pereira	A oficina teve como objetivo apresentar para as organizações locais os estudos realizados, assim como os modelos sugeridos para a região do MAPES. Ainda, considerando a experiência desses atores com a realidade local, foram ouvidas críticas construtivas e sugestões para aumentar as chances de sucesso do projeto. Foram sugeridos alguns polos de produtos, como a piaçava, juçara, madeira e o turismo. Focar no engajamento dos produtores, trabalhar no desenvolvimento de políticas de controle e incentivo e provocar a criação de linhas de financiamento. Ter visão de futuro na governança, como estratégia da recuperação. Encaminhamentos: Definir a composição do grupo gestor. Realizar uma segunda oficina para aprofundar e discutir mais sobre o projeto.

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
15/10/2020	Oficina 1	LAGAMAR	Conversa com produtores e organizações locais para promover engajamento no projeto e desenvolver novas ideias	<p>Laura Antoniazzi – Agroicone; Lucas Silveira – Agroicone; Lucas Nunes; Ricardo Borgianni – SIMA/CFB/DFPB/CAP – SP; Ricardo Baptista; José Mauro – Professor da UFSCar; Ivonir Piotrowski – LASEM / UFSCar; Ocimar Bim – Instituto Florestal; Isis Freitas – Departamento de Conservação de Ecossistemas do MMA; Alcivania – UNESP; Artur Dalton Lima – Cooperafloresta; Eduardo Soares Zahn – CDRS/SAA São Paulo; Luciana Alves – GIZ; João Guimarães – Aquaflores Meio Ambiente; Paulo Santana; Rodrigo Condé; Alessandra Oliveira; Daniel Tha – Kralingen; Jorge de Andrade; Bruno Filizola – GIZ</p>	<p>A oficina teve como objetivo apresentar para as organizações locais os estudos realizados, assim como os modelos sugeridos para a região do LAGAMAR. Ainda, considerando a experiência desses atores com a realidade local, foram ouvidas críticas construtivas e sugestões para aumentar as chances de sucesso do projeto. Foram sugeridos alguns polos de produtos, como a pupunha + banana, palmito e fruta da juçara, cambuci e turismo. Considerar a produção de alimentos anuais no início para ter geração de renda logo nos primeiros meses. É importante prever o desenvolvimento dos mercados para as frutíferas nativas. A recuperação ambiental não pode ser separada da geração de renda. Engajar os produtores e pensar nas áreas com necessidade de recuperação e em projetos de compensação a serem executados. Encaminhamentos: Realizar uma segunda oficina para aprofundar e discutir mais sobre o projeto.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
20/10/2020	Oficina 2	MCF	Conversa com produtores e organizações locais para promover engajamento no projeto e desenvolver novas ideias	Luciane Chiodi – Agroicone; José Fragoso Júnior; Bruno Filizola – GIZ; Gustavo Assis; Isis Felipe de Freitas; Mateus Motter Dala Senta; Nathalia Dreyer – IIS; Isabela Resende – GIZ; Luciana Rocha – GIZ; Alexandre Camargo Ferrazoli; Bárbara Pellegrini; Fernanda Tubenchlak – IIS; Hendrik Mansur; Leonardo Geluda – IIS; Luisa Ázara; Manoel Beauclair – ABIO; Marcio Costa; Mariana Oliveira; Marina Figueira de Mello; Mayne A. Moreira; Nelson Teixeira; Nicholas Locke; Rodolfo C. Costa Gomes M.; Carlos Alberto Scaramuzza – IIS; Vinicius Pacheco – IIS	<p>A segunda oficina teve como objetivo aprofundar a discussão sobre a recuperação em escala e definir os próximos passos para dar andamento no projeto. Foi definida a criação de um grupo que irá reunir as expertises das organizações locais para a elaboração de um projeto de longo prazo e promover a integração, a cooperação e a parceria entre os atores locais. Todas as organizações se colocaram à disposição para participar do Comitê Gestor/ Grupo Executivo.</p> <p>Encaminhamentos: A Agroicone irá coordenar a primeira reunião do Grupo Executivo. O Comitê Gestor/ Grupo Executivo irá exercer as atividades executivas (enviar convites, mobilizar, etc.) até a definição de recursos e contratação de uma instituição.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
22/10/2020	Oficina 2	LAGAMAR	Conversa com produtores e organizações locais para promover engajamento no projeto e desenvolver novas ideias	Laura Antoniazzi – Agroicone; Luciane Chiodi – Agroicone; Pollyana Born – Kralingen; Rodrigo Condé – Consultor SPVS/PR; Bruno Filizola – GIZ BR; Alessandra Oliveira – SPVS, Eduardo Soares Zahn - Secretaria de Agricultura, Arthur Lima - Cooperafloresta, Ricardo Rodrigues – ESALQ, Alcivania Silva - UNESP, Gilberto Hota - COOPAFASB, Ocimar Bim – SIMA, Bruno - LASEM - UFSCar/Sorocaba, Roberto Resende - Iniciativa Verde	A segunda oficina teve como objetivo aprofundar a discussão sobre a recuperação em escala e definir os próximos passos para dar andamento no projeto. Pensar em questões que podem direcionar o projeto de curto prazo, como a rede hoteleira, frutas na restauração, redes de supermercados de Curitiba em expansão (Festival), organizações voltadas ao empreendedorismo (SEBRAE, Aliança Empreendedora). Trazer iniciativas de empreendedores de outros locais. Players privados no litoral: Ekôa Park, Cervejaria Patagônica (está instalando uma fábrica lá), Sr. Dalcio Ballarotti (se não falha a memória, é o maior player do palmito lá no litoral). Supermercados de Curitiba: Festival, Condor e Muffato. Encaminhamentos: Criar um Comitê Gestor para auxiliar no andamento no projeto. Grupo tem o papel de direcionar o trabalho.

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
23/10/2020	Oficina 2	MAPES	Conversa com produtores e organizações locais para promover engajamento no projeto e desenvolver novas ideias	José Fragoso Júnior – Mediador; Luciane Chiodi – Agroicone; Lucas Silveira – Agroicone; Marcio Braga – Fórum Florestal; Paulo Vila Nova – Ciclo – Econanfi; Renata Pereira – CI-Brasil; Danieli Nobre – CI-Brasil; Armin Deitenbach – GIZ; Uilson Pablo de Araújo – SEMA; Ivana Lamas – GIZ; Danilo Sette; Luciana Rocha – GIZ; Bruno Filizola – GIZ	<p>A segunda oficina teve como objetivo aprofundar a discussão sobre a recuperação em escala e definir os próximos passos para dar andamento no projeto. Estabelecer a governança local, em prol de uma restauração menos pontual em mais de longa escala, com objetivos comuns, e estabelecer áreas prioritárias para a região. Identificando os fatores de restauração e os ganhos com a restauração de grande escala.</p> <p>Formar um grupo coeso, em prol desse objetivo maior.</p> <p>Interessados em colaborar e participar do grupo executivo: Fórum Florestal, Conservação Internacional, SEMA/BA e ONG CiclosEncaminhamentos: Definir a composição do grupo gestor. Enviar um “doodle” para uma proposta de agenda de reuniões até obter o produto final da Agroicone. Agroicone disponibilizará para o grupo gestor os pontos principais (modelos usados, prioridades) e conceitos necessários para elaborar o projeto. Agroicone enviará uma proposta de possíveis investidores e investimentos. Definir o perfil dos investidores e dos investimentos a serem procurados. Definir o(s) proponente(s).</p>
03/11/2020	Conversa com organizações locais	MAPES	Conversa com Danilo do MDPS para ter novas ideias e pensar em possíveis financiamentos	Danilo Sette e Luciane Chiodi	<p>Panorama geral do está sendo desenvolvido na região (SAF de cacau cabruca, piaçava, frutíferas e silvipastoril). A Veracel mapeia muitas áreas na região. Produtores de cacau fino fazem um manejo diferenciado. Meta de 10 hectares para adequação ambiental. Encaminhamentos: Tentar marcar reunião com ASPEX, Instituto Arapyau e Fórum Florestal.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
04/11/2020	Conversa com organizações locais	MAPES	Conversa com Marcio do Fórum Florestal para ter novas ideias e pensar em possíveis financiamentos	Marcio Braga, Luciane Chiodi e Bruna Córdova	<p>Panorama das ações que estão sendo e serão realizadas nos próximos anos pelo Fórum. Sugestões recebidas: reunir as ideias, depois desenvolver os projetos, para então aumentar a capacidade de buscar recursos nacionais/ internacionais. Criar uma prateleira de projetos. Os investidores irão aportar recursos, mas também vão querer ter algum retorno financeiro. Há fundos interessados para investir no projeto de recuperação em escala, mas o desafio é grande e demorado. Luciane explicou sobre a necessidade de conseguir algum apoio financeiro para poder desenvolver esses projetos de prateleira.</p> <p>Encaminhamentos: Desenvolver o projeto executivo do piloto, junto com o comitê gestor. Continuar buscando investidores / financiadores para que o projeto piloto seja executado.</p>
04/11/2020	Financiamento	MCF, MAPES E LAGAMAR	Conversa com Tiago da Build From Scratch sobre possíveis financiamentos	Tiago Brasil Rocha, Laura Antoniazzi, Luciane Chiodi e Bruna Córdova	<p>Apresentação do projeto. Sugestões recebidas: para o projeto ser mais atraente para investidores é necessário saber exatamente qual a área disponível para executar o projeto. Antes de apresentar o projeto para os possíveis financiadores, precisa de algo desenhado e bem estruturado. Encaminhamentos: Elaborar o projeto executivo para o piloto, incluindo cronograma e orçamentos. E depois, enviar o projeto executivo para apresentação para possíveis financiadores.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
04/11/2020	Evento	MCF, MAPES E LAGAMAR	Webinar sobre "Políticas Públicas e Privadas na abertura de novos mercados para as Frutas Brasileiras", promovido pela Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Bauru (Assenag)	Bruna Córdova - Agroicone	1ª PALESTRA: Ações da Abrafrutas e Apex na promoção e abertura de novos mercados. Palestrante: Engº. Agrº. Jorge de Souza - Gerente Técnico da Abrafrutas. / 2ª PALESTRA: Potencial das Frutas Brasileiras no Mercado Canadense. Palestrante: Luciana Pimenta Ambrozevicius: tema abordado / 3ª PALESTRA: Crescimento das exportações de frutas no Entrepasto Aduaneiro (Eadi) de Bauru em 2020. Palestrante: Engº. Agrº. André Augusto Francese - MAPA.

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
05/11/2020	Acompanhamento Comitê Gestor	MCF	Conversa com membros do Comitê Gestor para definir ações sobre o andamento do projeto	<p>Bruna Córdova – Agroicone; Luciane Chiodi – Agroicone; Bárbara Pellegrini – Viveiro Muda Tudo; Thais Corral – Sinal do Vale; Marina Figueira de Mello – Viveiro da Mata Atlântica e ProMudasRio; Manoel Beauclair – Abio; Vinicius Pacheco de Almeida – IIS; Fernanda Tubenchlak – IIS; Ciro Moura; Hendrik Lucchesi Mansur – The Nature Conservancy (TNC); Helga Restum Hissa – SEAPPA/SDS; Nicholas Locke – Reserva Ecológica de Guapiaçu (REGUA); Luisa Ázara Ramos – Produtora de agrofloresta</p>	Objetivo: atualização do processo. Encaminhamentos: Criar pasta no Google Drive e compartilhar o projeto executivo do piloto para que todos possam revisar e adicionar sugestões
09/11/2020	Conversa com organizações locais	MAPES	Conversa com Gleyson da ASPEX para ter novas ideias e pensar em possíveis financiamentos	Gleyson Araújo e Luciane Chiodi	<p>Apresentação do projeto. Oportunidades identificadas: áreas que pertencem a associação onde poderiam ser aplicados projetos pilotos e produtores com necessidade de regularização que produzem tanto eucalipto como cacau; acesso a recursos do Programa Carbono Mais.</p> <p>Encaminhamentos: Avaliar a possibilidade de conversar com alguns associados para usar parte de suas áreas como projeto piloto.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
10/11/2020	Financiamento	MCF, MAPES E LAGAMAR	Conversa com Miguel e Daniel da WRI sobre possíveis financiamentos	Miguel Calmon, Daniel Soares, Laura Antoniazzi, Luciane Chiodi e Bruna Córdova	Apresentação do projeto. Sugestões recebidas: inserir a proposta na "Iniciativa 2020". Possível fonte de financiamento, voltada para carbono, como a Mastercard. Encaminhamentos: Ambos têm interesse em atuar juntos na Bahia, montando o projeto piloto e colocando uma organização como ancora. Trocar informações por e-mail para aprofundar a conversa.
10/11/2020	Interações com organizações locais	MAPES	Oficina Virtual "Modelagem Econômica do Sistema Cacau Cabruca"	Vários atores que atuam no tema na região: Cocoa Action, Fórum Florestal, MDPS, GIZ, Arapyaú, UFSB, entre outros	Apresentação do Estudo desenvolvido pelo Arapyaú sobre viabilidade econômica da produção do cacau cabruca
12/11/2020	Financiamento	MCF, MAPES E LAGAMAR	Conversa com Marcio do BNDS sobre possíveis financiamentos	Marcio Costa, Luciane Chiodi e Bruna Córdova	Apresentação do projeto. Possibilidades de Financiamento que o BNDES tem: Fundo Clima. O que é necessário para acessar: definição dos produtores, qual modelo a ser aplicado, quem serão os garantidores e quem serão empresas integradoras. Fundo Clima e BNDES podem ser boas opções para o projeto em escala. Encaminhamentos: Trabalhar no próximo ano para conseguir apresentar uma proposta para o Fundo Clima. O BNDES poderá ajudar na próxima etapa, quando for executar o projeto em escala. Continuar conversando sobre esse projeto para pegar algumas dicas e ideias. projeto para pegar algumas dicas e ideias.

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
13/11/2020	Conversa com organizações locais	LAGAMAR	Conversa com Roberto da Iniciativa Verde para engajamento no projeto	Roberto Resende e Laura Antoniazzi	<p>Iniciativa Verde já tem uma rede formada, com produtos não madeireiros como carros chefes. Eles têm captado recursos do Programa Nascentes com empresas em SP e usado para plantar no RJ. Sugestão conversar com Instituto Auá, pois eles realizam trabalhos com o Cambuci. COOPERA em Rio do Turvo: tem foco em agroecologia. Gilberto Ohta de Oliveira da COOPAFASB e Rede Solidária Sete Barras. Produtos da floresta: WWF por meio do Sandro, tinha dinheiro para projeto.</p> <p>Encaminhamentos: A Iniciativa Verde tem interesse em participar de alguma forma. Conversar com alguém do Instituto Auá</p>
16/11/2020	Acompanhamento Comitê Gestor	MAPES	Conversa com membros do Comitê Gestor para definir ações sobre o andamento do projeto	<p>Luciane Chiodi – Agroicone; Bruna Córdova – Agroicone; Marcio Braga – Fórum Florestal; Liana Duarte – SEMA; Fátima Carvalho – MoselloLima Advocacia; Renata Pereira – Conservação Internacional; Paulo Vila Nova – Instituto Ciclos; Gleyson Araújo – ASPEX; Mara Santos – INEMA; Daiane Silva – INEMA; Bruno Filizola – GIZ</p>	<p>Recapitulação dos objetivos do Projeto: viabilizar os projetos para recuperação em escala na região do MAPES, através de: projeto piloto com duração inicial de 1 ano; engajamento dos produtores; plano de ação. Pensar em todos os arranjos: engajamento dos produtores e dos compradores (indústrias), questões de garantia pois pode pesar na decisão do produtor. Pensar nas áreas dos associados da ASPEX e em outros produtores não associados. O ponto crucial do projeto é o engajamento dos produtos. Encaminhamentos: Criar uma pasta no Google Drive para compartilhar o projeto executivo do piloto. Todos devem revisar o projeto executivo até dia 20/11/2020. Bruno irá verificar a possibilidade de compartilhar os arquivos shapefile dos 37 mil ha. Marcio fará a ponte entre Agroicone e Veracel.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
17/11/2020	Conversa com organizações locais	MAPES	Conversa com Guilherme da Cocoa Action para apresentar o projeto	Guilherme Salata, Laura Antoniazzi e Luciane Chiodi	Apresentação do projeto. Explorar a conexão da agenda do Coccoa Action e do projeto Mata Atlântica na Bahia.
18/11/2020	Acompanhamento Comitê Gestor	LAGAMAR	Conversa com membros do Comitê Gestor para definir ações sobre o andamento do projeto	Bruna Córdova – Agroicone; Laura Antoniazzi – Agroicone; Eduardo Soares Zahn – CDRS; Francisca Alcivania de Melo Silva; Nicholas Kaminski; Rogerio Haruo Sakai – CDRS; Pollyana Andrea Born; Artur Dalton Lima; Roberto Resende; Edson Nomura; Ricardo Borgianni	<p>Apresentação do andamento do projeto. O grupo tem como objetivo montar uma estratégia de restauração em escala para região, pensando a longo, médio e logo prazo. Definir a estrutura do projeto a curto prazo. Falado sobre o projeto executivo a ser revisado por todos os participantes. Os produtores têm dificuldade em vender as frutas nativas e criar um novo mercado seria o ideal, mas é algo muito complexo e de longo prazo. É muito mais fácil vender as frutas já estabelecidas na região, aquelas que já tem mercado. A recuperação já é uma obrigação, mas precisa mostrar os benefícios financeiros (SAF, madeiras, frutíferas, etc.) para atrair ainda mais os produtores.</p> <p>Encaminhamentos: Revisar o projeto executivo até 25/11 que vai estar no Google Drive. Realizar reunião no dia 02/12 às 10h00 para finalizar o projeto executivo. Depois de finalizado, esse documento servirá de base para buscar recursos, sendo possível adequar o texto. Manter os grupos no WhatsApp, Google Drive, reuniões periódicas a cada dois meses, reuniões extraordinárias sempre que necessário.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
18/11/2020	Evento	LAGAMAR	IX Seminário Frutos da Mata Atlântica: o sabor da biodiversidade	Bruna Córdova - Agroicone	<p>1ª PALESTRA: Projeto SAF - Juçara. Palestrante: Guenji Yamazoe / 2ª PALESTRA: A diversidade das interações entre animais frugívoros e plantas e a dispersão das sementes. Palestrante: Marco Aurélio Pizo / 3ª PALESTRA: Frutos da Mata Atlântica: uma abordagem translacional da pesquisa em nutrição. Palestrante: Veridiana Vera de Rosso / 4ª PALESTRA: Exposição Fotográfica da Juçara. Palestrante: Eliza Carneiro.</p>
20/11/2020	Conversa com organizações locais	MCF e LAGAMAR	Conversa com Mariana da Quatro Soluções sobre possíveis financiamentos	Mariana de Oliveira Pedreira, Luciane Chiodi e Bruna Córdova	<p>Apresentação do projeto nas três regiões. Objetivo: explorar alternativa de financiamentos e empresas que podem ou não ser interessantes: Shell, Petrobrás, Vale das Palmeiras, Raízen, Vale, Coca-cola, Instituto Gastromotiva, TT Burguer, Circuito Carioca de feiras orgânicas, SITAWI, Instituto Clima e Sociedade, IMAFLORA, ISA, ICS. Algumas dessas empresas podem ser úteis como engajadoras e para conseguir recursos.</p> <p>Encaminhamentos: Vamos mandar as informações para Mariana conseguir apresentar a Agroicone. Mariana, assim que receber as informações, vai fazer o contato com os conhecidos da Shell. Os principais contatos seriam: Vale das Palmeiras, ICS e Shell.</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
26/11/2020	Conversa com organizações públicas	MCF	Conversa com a Secretaria do Meio Ambiente do Rio de Janeiro	Laura Antoniazzi - Agroicone; André Souza e Adriano - Secretaria de Agricultura; Ana - Secretaria de Recursos Hídricos; André - Secretaria de Assuntos Internacionais; Telmo Borges - Programa Florestas do Amanhã e Ângela Canal – Superintendente de Educação Ambiental	<p>Apresentação do projeto de recuperação em para as Secretarias, que demonstraram muito interesse em cooperar e atuar de alguma forma junto com a Agroicone no projeto para UK Pact.</p> <p>Encaminhamentos: A Agroicone irá elaborar a manifestação de interesse para a participar do UK Pact e vai enviar para os colaboradores da Secretaria para que eles possam contribuir com a elaboração do documento.</p>
02/12/2020	Conversa com organizações locais	MAPES	Conversa com Cocoa Action	Guilherme Salata, Pedro Ronca e Luciane Chiodi	<p>Atualização do andamento do projeto de recuperação em escala e sobre o programa DeveloPPP da GIZ que pode ser desenvolvido na região do MAPES. O pessoal da Cocoa Action pode fazer a ponte com alguma empresa</p>
02/12/2020	Acompanhamento Comitê Gestor	LAGAMAR	Conversa com membros do Comitê Gestor	Bruna Córdova; Laura Antoniazzi; Alessandra Xavier; Francisca Alcivania de Melo Silva; Roberto Resende; Eduardo Soares Zahn; Eduardo Seoane	<p>Atualização do projeto e oportunidade de financiamento do UK Pact e todos concordaram que é uma ótima oportunidade para desenvolver o projeto. Foram discutidas sobre algumas iniciativas existentes que podem agregar no projeto em escala.</p> <p>Encaminhamentos: Colocar a SPVS como colaboradora do projeto. Elaborar uma planilha para que todos possam contribuir e adicionar as iniciativas existentes e áreas disponíveis para realizar o projeto piloto. A Alessandra e o Eduardo Zahn vão verificar as iniciativas existentes no PR e em SP, respectivamente..</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
03/12/2020	Financiamento	MAPES	Conversa com Guilherme e Renata da Conservação Internacional	Luciane Chiodi, Laura Antoniazzi, Bruna Córdova, Guilherme Dutra e Renata Pereira	<p>Oportunidade do UK Pact. A CI, em outro país, já vai participar e por isso eles não poderiam participar como proponente, mas tem interesse em participar como parceiros.</p> <p>Encaminhamentos: a Agroicone vai enviar para eles o esboço da manifestação de interesse a ser entregue e o pessoal da CI vai verificar internamente se eles podem participar com parceiros ou co-executores.</p>
07/12/2020	Conversa com organizações locais	LAGAMAR	Conversa com Gabriel e Pedro do Instituto Auá para apresentar o projeto	Laura Antoniazzi, Bruna Córdova, Gabriel Menezes e Pedro Kawamura	<p>Apresentação da Agroicone e do projeto e em qual fase está. Apresentação do Instituto Auá, a experiência que eles possuem com o mercado do Cambuci e outras frutas nativas da Mata Atlântica. O objetivo deles é estruturar o mercado da Mata Atlântica.</p> <p>Encaminhamentos: marcar uma outra reunião para entender melhor de que forma eles podem atuar dentro do projeto de recuperação em larga escala no LAGAMAR</p>
08/12/2020	Oficina de encerramento	MCF, MAPES E LAGAMAR	Conversa com as organizações locais para encerrar o projeto com o MMA e GIZ, e para incentivar o início de uma nova etapa	Ivana Lamas - GIZ; Eduardo Seoane - Embrapa Florestas; Gustavo Assis - GIZ; Ocimar Bim - Instituto Florestal SP; Felipe do Vale - SPVS; José Francisco Junior - Natureza Bela; Manoel Beauclair -ABIO; Roberto Resende - Iniciativa Verde SP; Guilherme Dutra - CI; Bruna Córdova - Agroicone; Isis Freitas - DECO/MMA; Sandra	<p>Mateus fez a apresentação inicial e agradecimento pelos trabalhos desenvolvidos e apresentou um resumo do projeto. Luciane apresentou sobre os projetos executivos e as fontes de financiamento.</p> <p>Encaminhamentos: Sobre o UK Pact, a Agroicone irá submeter a proposta para as 3 regiões e irá enviar no grupo de whatsapp a manifestação de interesse para contribuições. A Sinal do Vale também vai submeter um outro projeto específico para o Rio de Janeiro. Sobre P4F e DeveloPPP, a Agroicone irá agendar reuniões com os comitês para aprovação das propostas quando forem elaboradas. Sobre a</p>

REUNIÕES					
DATA	OBJETIVOS	REGIÃO	ASSUNTOS	PARTICIPANTES	PRINCIPAIS TÓPICOS / ENCAMINHAMENTOS
				Steinmetz - ANAMMA; Ricardo Borgianni - SIMA SP; Fernanda Tubenchlak - IIS; Rodrigo Condé - SPVS; Francisca Alcivania de Melo Silva – UNESP; Laura Antoniazzi - Agroicone; Bruno Filizola - GIZ; Liana Duarte - SEMA/BA; Luciane Chiodi – Agroicone; Mariana Gianiaki - ANAMMA	IKI (BMU), a Iniciativa Verde irá encabeçar a elaboração dessa proposta depois que a proposta do UK Pact for enviada, e será desenvolvida a proposta em conjunto com o comitê gestor da região do LAGAMAR. Definição dos animadores dos comitês gestores para agendamento das reuniões bimestrais: MAPES -> CI Brasil, SEMA/BA, Fórum Florestal/BA e Agroicone; MCF -> Sinal do Vale e Agroicone; LAGAMAR -> Iniciativa Verde, TGI e Agroicone.
14/12/2020	Financiamento	MCF, MAPES E LAGAMAR	Build From Scratch	-	A ser realizada
17/12/2020	Financiamento	MCF, MAPES E LAGAMAR	P4F	-	A ser realizada